

O que fazem as mães? (Mães Lacanianas)

Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros

II - A mãe crocodilo e o objeto ♦

Abertura

Romildo: Hoje, nós iremos em parte continuar alguma coisa do que foi dito da outra vez, mas também daremos início a uma coisa nova. Retomaremos nosso trabalho através de uma citação de Lacan amplamente conhecida, talvez porque seja um pouco chocante, que define a mãe como um crocodilo. Da vez passada, sem me lembrar que Lacan havia dito a mesma coisa, eu disse que a mãe pode ser definida como desejo da mãe. A mãe seria equivalente a um desejo. O que Lacan diz é o seguinte:

O papel da mãe é o desejo da mãe. Digo-lhes coisas simples, estou improvisando devo dizer, há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É um grande crocodilo em cuja boca vocês estão. A mãe é isso.¹

Seria bom tentarmos nos alongar um pouco nesta questão. Ele define primeiro a mãe como um desejo e depois como crocodilo. Para que o crocodilo seja compatível com o desejo, talvez devamos pensar que a mãe como crocodilo já inclui o rolo de pedra que impede o crocodilo de morder. Se a mãe não incluir aquilo que impede da boca se fechar, não se poderá, a rigor, dizer que a mãe equivale ao desejo da mãe (DM da metáfora materna).

É o mesmo raciocínio que usamos da última vez em relação à metáfora paterna, ou seja, o desejo da mãe inclui a operação simbólica presidida pelo nome do pai. A mesma coisa se pode dizer da comparação da mãe com o crocodilo, ou seja, aquela que fecharia a bocarra sobre o corpo do filho como puro gozo é relativizada pela presença do falo, do rolo de pedra que impede que ela se feche.²

O que seria o gozo correspondente ao que Lacan chamou de desejo insaciável, e que vimos na vez passada, é simbolizado pelo próprio fato de conter o objeto imaginário, sob pena de não se poder aproximar mãe e desejo. A pergunta que fica, evidentemente, é se Lacan está dizendo com isso que haveria uma espécie de figura mítica da mãe, uma espécie de primitivo absoluto. Não é muito o gênero de Lacan.

É mais ou menos a idéia que tiramos do *Seminário 4* quando afirmamos que ao pedido do objeto real a criança, no caso Hans, responde com um objeto imaginário. Ou seja, a passagem do objeto real para o falo faz parte da simbolização do desejo materno.

É mais ou menos a ideia que tiramos do *Seminário 4* quando afirmamos que ao pedido do objeto real a criança, no caso Hans, responde com um objeto imaginário. Ou seja, a passagem do objeto real para o falo faz parte da simbolização do desejo materno. Isso justifica o que foi dito da outra vez: a fórmula da metáfora paterna deve ser lida de trás pra frente.

Não há desejo materno sem a função nome do pai. Não se pode separar os dois, assim como não se pode separar o crocodilo do rolo de pedra, do falo imaginário. Se eu avançar mais um pouco, posso chegar a dizer que o falo imaginário faz parte do conceito de mãe. Não é só no plano das origens míticas do sujeito como objeto do Outro, mas o próprio conceito de mãe inclui o objeto imaginário, a criança, o falo.

No *Seminário 6* Lacan diz uma frase que me pareceu interessante para nós:

O desejo, dentre todas as demandas, distingue-se por ser uma demanda submetida à lei³.

Aqui, Lacan não está falando da mãe, mas do desejo. Ele diz também que o desejo é uma demanda. Quase podemos dizer que demanda mais lei é igual a desejo. Nesse caso a demanda não seria só a maneira de veicular o desejo, pois o desejo se veicula através de uma demanda. Esta é, aliás, a miséria da neurose, a dificuldade de articular demanda e desejo. A demanda também pode ser entendida como a que conduz, através da lei, à existência do desejo.

Se dizemos que o desejo é uma demanda submetida à lei, já não podemos pensar em uma relação a dois, demandante e objeto da demanda, por exemplo, mãe e Hans, mas pelo menos em uma relação a três: mãe, objeto da demanda e lei. É o mesmo raciocínio que fiz para o crocodilo e para a fórmula da metáfora paterna. É por ação da lei, da metáfora paterna representada pelo significante paterno, que existe a passagem de objeto real a objeto imaginário, ou seja, o objeto imaginário é uma função do simbólico, do significante do Nome do pai, e é a partir daí que o objeto se torna negociável. Não só no plano da sequência dos objetos metonímicos.

O objeto é aquele que está sempre em sequência, podendo ser trocado pelo outro, e que não se fixa em uma essência. Todo objeto amoroso, Freud diria, é sempre substituto, um *ersatz*. No horizonte mítico desse processo existe um gozo e um objeto adequado ao gozo. Desde que existe a intervenção do simbólico, pela via da linguagem e do significante nome do pai, o objeto perde a essência – que, aliás, nunca teve - e só pode ser apreendido em sequência.

Esse objeto metonímico é o objeto do desejo. O objeto do desejo não se fixa. É como a série de Fibonacci: cada vez que existe amor sempre se trata do próximo, do próximo objeto, que será, para tomar o exemplo de Fibonacci, o resultado da soma dos dois anteriores. Sendo assim, podemos dizer que a relação da demanda passa a ter quatro elementos, e não mais três: 1) o demandante, que grosseiramente podemos chamar de mãe; 2) o objeto real, que é, no fundo, um objeto mítico; 3) a lei, a imposição ou a incidência da lei; 4) a ação do objeto imaginário.

Então, vocês entendem por que Lacan insistiu tanto em chamar no *Seminário 4* a resposta da criança ao desejo materno de enganação? A criança de fato acede ao desejo da mãe, mas sob a forma de uma troca de objetos. Mas é uma troca de objetos a partir de um que nunca existiu. O objeto que terá existência será o objeto imaginário, aquele que a criança oferece à mãe, na medida em que não corresponde ao seu ser. É neste sentido que Lacan fala da enganação, na qual ambos os personagens enganam e são enganados. Existe uma espécie de acordo entre os dois na enganação. Se fizéssemos um leque para descrever este processo, ele iria do gozo impossível ao desejo submetido à lei.

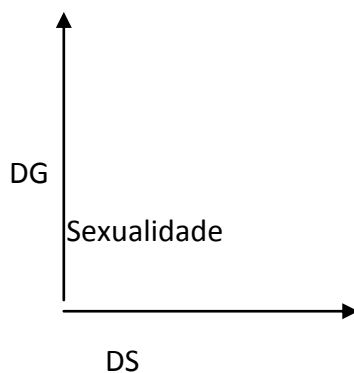
Tudo isso deve ser pensado como uma sequência lógica. No plano da metáfora paterna essa sequência lógica se resolve quando se localiza o sujeito no lugar da incógnita, na articulação entre o desejo da mãe e o Nome do pai. É uma articulação não contingente, é necessária, nela se depreende a figura do filho como resolvido na posição de incógnita, resolvido nessa articulação entre desejo e significante.

Marcus: E a produção do x desse lado localiza, por uma montagem retroativa, a família.

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{x} \rightarrow NP \frac{A}{\Phi}$$

Romildo: O que Marcus está chamando de montagem é o que estou chamando de sequência lógica. Estabelece-se uma sequência lógica, como nas equações, e essa sequência visa chegar ao valor de x , ao x como incógnita.⁴ Essa incógnita localiza o sujeito. Se essa fórmula é suficiente para isso, o sujeito se constitui a partir dessa articulação entre um desejo e um significante, da qual ele é a incógnita a ser resolvida.

Não podemos nos esquecer que no nosso raciocínio, isso opera também como a articulação entre diferença de gerações e diferença sexual. Eu ainda estou no plano clássico.



Dada uma articulação entre diferença sexual e diferença de gerações o sujeito aparece como sintoma. Toda operação subjetiva está em algum lugar entre as ordenadas e as abscissas, seja no sintoma, na fantasia, etc. Supostamente não se pode ir além da diferença sexual e geracional. Você não pode ser avô do seu avô.

O incesto

Marcus: Passemos, então, à nossa referência hoje, que será a “Nota sobre a criança”. Dela ficaremos apenas com o que se relaciona com nossa questão, pois apesar de extremamente conciso, este texto aborda muitos temas. No que nos diz respeito, a “Nota sobre a criança” é, para começar, um fulgurante resumo do Complexo de Édipo. É o Édipo no sentido que estamos trabalhando, da mãe clássica, como uma metáfora, uma sequência lógica, montagem que produz lugar um para o sujeito por uma articulação de coisas heterogêneas sem que haja nada previamente existente, a não ser localizado retroativamente no plano do mito.

Lacan começa afirmando que se a família tem algum valor é por transmitir a vida de um modo diferente daquele das necessidades⁵. O importante é que a família constitui alguém e não um organismo. É um plano diferente daquele da vida das necessidades, o da coisa propriamente humana e vazia de sentido biológico. É o que Lacan assinala com o termo *desejo*. Ele afirma que a família só deve ser julgada neste plano, na medida em que constitui um lugar de sujeito e não um lugar etológico, biológico, na raça.

Lacan traz a seguir definições primorosas e concisas de pai e mãe no contexto dessa determinação desejante. A mãe é definida pelos seus cuidados e por um “interesse particularizado, nem que seja por suas próprias falta [*manques*]”.⁶

Eric Laurent, que nos guiará aqui, retoma esse texto no livro *A Sociedade do Sintoma* dando ênfase a esta falta.⁷ Mais ainda do que pelos cuidados, é em suas falhas que se inscreve a possibilidade de que esse interesse particularizado dê lugar a um sujeito, o que conhecemos a partir de Winnicott.

Uma mãe é o cuidado ativo que toma forma de um interesse particularizado graças a suas falhas. Tudo isso resumido em uma frase. É uma bela definição de mãe no plano da família, naquilo que ela permite a instauração de um sujeito como ser de desejo. Vocês podem ver que nessa definição o crocodilo, a mãe primitiva e o desejo ancestral não estão enfatizados. Entramos em um outro plano de descrição em que a mãe se define sem referência ao primitivo. É uma maneira, sem recurso ao primitivo, nem à logificação ou à metáfora, de dizer a mesma coisa.

Neste contexto, o pai é o “vetor da encarnação da lei no desejo”. Exatamente o que Romildo acaba de trazer. Esta fórmula retoma, sem tirar nem por, aquela sobre a qual nos apoiamos na última vez, a do *Seminário 7*, do pai que enlaça a lei e o desejo.⁸ Laurent comenta como ela é um primor de concisão, pois “encarnação” remete a religião e “vetor” a matemática. São dos papéis que se reúnem, para Lacan, na função do pai: uma função, abstrata que, no entanto, permite a uma criança encaixar-se no plano da genealogia, da tradição e da crença.

Pode parecer estranho, nessa ideia, o que Romildo acaba de enfatizar. Talvez traga alguma dificuldade, porque tendemos a pensar que o desejo só é desejo por não ser regulado. É o contrário, o desejo só é desejo por ser submetido a lei!

Romildo: Lacan chega a dizer que desejo e lei são as duas faces da mesma moeda.

Marcus: Exatamente. A referência é o *Seminário 7* onde Lacan convoca São Paulo: Ali, onde você me ensinou a pecar; ali, você me ensinou a desejar. Ali, onde Deus marcou o pecado, criou-se o desejo em mim.⁹

O desejo é sempre regulado, pois funciona com base em uma falta e só existe na medida em que busca uma satisfação impossível. Já as demandas incessantes de uma mãe primitiva, não submetida ao desejo do Outro, seriam demandas não reguladas. Do nosso ponto de vista, porém, as demandas incessantes de uma mãe serão tomadas dentro do casal parental, na família. Nesse plano, o desejo da mãe pode remeter a um crocodilo ancestral, à demandas não reguladas, mas esse crocodilo, de saída, é submetido à Lei, como Romildo recapitulou.

Romildo: Nesse sentido a metáfora do crocodilo se mantém. Se o crocodilo inclui o objeto imaginário e se a relação entre a bocarra e objeto imaginário é uma função simbólica, você pode chamar a mãe de crocodilo.

Marcus: Podemos retomar agora a definição do Édipo como articulação entre diferenças, entre as gerações e a diferença sexual a partir dessas considerações de Lacan. Foi como definiu Romildo. Não sei se essa definição está dita assim, explicitamente em algum lugar. Vai ver é romildiana.

Romildo: Até que se descubra que não é romildiana.

Marcus: Vamos ficar com ela. O que faz o complexo de Édipo é isso, articular essas duas diferenças. E ele o faz por meio de um vazio. O ponto de articulação é justamente um vazio, que Freud chama de *incesto*.

O que significa o tabu do incesto? Que onde havia gozo haverá um vazio. Onde houver ser não haverá gozo. Onde houver gozo não haverá ser. Ali onde havia o gozo da mãe haverá um vazio.

Romildo: Ou seja, o simbólico, como um furo fundamental, impõe uma diferença. O simbólico não só classifica, ele racha, impõe diferenças. Nesse sentido é que serão duas diferenças articuladas.

Marcus: Exato. O ponto central do que Freud chamou de incesto é este vazio originário que se figura como impossibilidade de acesso à mãe. O acesso não é barrado por outro corpo. Isso seria pura proibição, impedimento. Um vazio no discurso da mãe, uma falha, portanto, um impossível de significar, assinala seu desejo submetido a outra coisa. Este furo, para Lacan, é o Nome do Pai. O vazio que, no discurso da mãe, estipula para a criança uma impossibilidade de acesso a ela é o que Lacan chama de Nome do pai, vazio de significação, o que tentei destacar no encontro anterior com a ideia do sobrenome.

Romildo: O incesto real não existe. Apesar de Freud ter insistido nisso, justamente por não distinguir real, simbólico e imaginário.¹⁰ Se situamos a questão como acabamos de ver, se o que Freud chamava de sexualidade é uma articulação de diferenças, e na prática sempre se transa com o diferente, então a sexualidade é um exercício da diferença por definição. E se é um exercício da diferença, não há incesto no plano do real. O incesto supõe uma operação que deu origem ao objeto imaginário.

Marcus: O Édipo articula as duas diferenças por localizar no lugar do gozo um vazio a partir do qual se fundará o desejo e tem, como consequência, a exclusão desse gozo original, da mãe. Ou seja, onde houver o sobrenome do pai haverá um vazio que regula o desejo da mãe. Aquela mãe, que era o lugar do gozo, passa a ser esse lugar apenas quando o pai não estiver presente. Essa regulação se faz não por medo do pai e muito mais, dramatizando, quando ela diz “Durma que vou preparar o jantar para seu pai” do que quando chega um outro, grandão, e diz “Essa mulher é minha!”.

O resto

Até aqui a “Nota” é recapitulação, outro modo de situar a mesma mãe clássica do encontro anterior. Mas há novidade: um grande balizamento clínico da relação filho e mãe com o avanço, a introdução nessa discussão, do objeto α .

Este objeto paradoxal é aproximado por Lacan de inúmeras maneiras, nesta “Nota”, a partir do comentário de Laurent, vou privilegiar a ideia do resíduo.

Lacan começa o texto dizendo que a família tem a função de um resíduo ou a marca de um resíduo. Essa é a grande novidade do texto. Ao invés de retomar a família, como acabamos de fazer, como a transmissão de um vazio, do impossível do incesto, ele afirma: “Ela é a transmissão de um resíduo”. E o balizamento clínico que se introduz ao final do texto, se faz com base na ideia de que uma criança pode ser tomada como objeto *a* na fantasia materna. O objeto “a” está nas duas extremidades. Ora, se há um modo simples e direto de abordagem do objeto “a” é justamente como resíduo, resto.

Começamos com a ideia da família como resíduo. O seguinte desenvolvimento de Jacques Alain Miller, deixa esse papel claro:

A família, com efeito, é (...) lugar do Outro da demanda (...). Ao passar pela demanda, se produz um desvio das necessidades que serão, então, marcadas por uma falta (...). A família é um mito que dá forma épica àquilo que opera a partir da estrutura, e as histórias de família são sempre o conto que diz como o gozo que o sujeito merecia, que ele tinha direito, lhe foi subtraído. Lacan escreveu isso como metáfora paterna: a relação do pai ladrão com o desejo da mãe. (...) Essas fórmulas traduzem, com efeito, o modo pelo qual o gozo foi perdido e como outro veio substituí-lo.¹¹

Passamos pela fala, entramos no jogo com o vazio e aquilo que era puro gozo passa a ser regulado. É o que a família faz no sentido edípico. A família é um teatro onde tudo isso acontece. Todas as histórias de família falam de um gozo subtraído. Esse é o aspecto “pai ladrão” do pai, aquele que rouba, subtrai o gozo do menino. “Pai ladrão do desejo [leia-se gozo] da mãe” é outra maneira de Miller resumir a história sem passar pela metáfora paterna ou pelos matemas. Perde-se o gozo, mas ganha-se o desejo. Até este ponto ainda estamos na recapitulação. Vamos prosseguir com a fala de Miller:

A incidência da demanda sobre a necessidade é a produção de alguma coisa que não podemos demandar porque não podemos dizê-la, de sorte que a consequência da demanda é dupla: o desejo e a pulsão.¹²

Produz-se nesse processo não apenas perda e desejo, mas algo que não é recoberto pelo desejo, pelo desejar, e que não é apenas perda. Alguma coisa daquele gozo original não será incluída no funcionamento do gozo que se acrescentou agora, que é o gozo do desejo. A satisfação no campo do desejo é sempre a de um gozo parcial, localizado.

Alguma coisa daquele gozo não é recoberta por este tipo de gozo, o gozo no desejo. Nem todo gozo é trazido para o campo da lei e do desejo. Algo resta. No entanto, ao invés de “isso se perdeu para todo sempre e nunca mais o verás”, “isso resta”, *isso* se mantém como um resíduo. Esse resíduo não é perda, mas resultado, ou seja, ganho. A operação não só transmite uma falta, instituindo um desejo regulado pela lei, mas também produz um resto dessa operação.

A família conta histórias de um gozo subtraído e ao mesmo tempo localiza o lugar onde talvez se possa reencontrá-lo. Essa é uma das funções do resíduo, a do excedente da operação que acena com a hipótese de se recuperar o gozo original. Esse resto se acrescenta ao triângulo edípico, não mais como ícone da falta, nem imagem de poder, mas com a função do resto.

Na conferência, Miller não chega a nomear o objeto “a” como esse resto, mas deixa claro que função-resto ao aproximá-la em Freud a partir da diferença entre desejo e pulsão. Pulsão não é o desejo, mas o gozo que restou quando da constituição do desejo. O nome freudiano para o gozo que restou e que continua funcionando é pulsão, enlouquecida, sem satisfação, sem regulação. O objeto “a”, portanto, é o objeto pulsional. Não por ele satisfazer a pulsão, mas porque é a forma objetual desse gozo não domado pelo desejo que é a pulsão freudiana. O objeto pulsional é isso que não é recoberto pelo enlace da lei com o desejo.

Creio que esse é o tema principal de hoje. Da outra vez foi o pai como aquele que enlaça lei e desejo. Hoje é o resto dessa operação e como isso tem incidências na família. A ponto de Miller dizer que a função da família, mais do que produzir o enlace da lei e o desejo é produzir o resto. Se não “mais” ao menos “tanto quanto”. Tanto quanto instaurar o desejo e a Lei, a família produz a delimitação de outro gozo, excessivo e não saturado pelo Pai, o lugar de um gozo perdido, mas miticamente recuperável. E é a mãe o lugar desse gozo. A mãe é o objeto pulsional, inalcançável, do filho. Por isso a figura da mãe guarda este aspecto de crocodilo, ela é a primeira figura de um gozo não inteiramente tomado pelo campo do desejo. Isso vai aparecer na clínica de variadas formas. Lidar com a mãe tende a se apresentar como a árdua composição com um supereu guloso e feroz.

Instaura-se uma tensão paradoxal. O desejo subsiste porque a mãe está fora de alcance e justamente por isso ela é o lugar de um gozo fora do desejo. Este gozo, porém, é não regulado, excessivo e ao mesmo tempo impossível. Até porque se ele fosse possível acabaria com o desejo, seria a morte do desejo e, portanto, do sujeito. Por isso o gozo da mãe se insinua como angústia, como crocodilo. Se a mãe se aproxima demais é o fim do desejo.

Isso fará com que Miller defina esse objeto pulsional como aquilo que não se pode dizer, não se pode demandar. Desejo é aquilo que não se pode *obter*. Já esse gozo, pulsional, não se pode nem *dizer*. Ele está fora do sistema da regulação da lei das demandas.

Então, ao invés de trazer à cena o crocodilo Lacan destaca o objeto como resto. A criança como objeto “a” da mãe. Não há nada prévio, nem motor original, apenas um resíduo.

Romildo: Existem dois momentos na “Nota”: a criança como sintoma do casal parental e outro, no qual ela aparece como objeto da fantasia materna. Lacan distingue a criança como aquilo que representa a verdade do casal parental e a criança como objeto da fantasia materna. Isso está completamente dentro do que estamos está distinguindo. O sintoma de Hans, por exemplo, dizia a verdade do que estava acontecendo com os pais.

Sem pai

Marcus: Nesse segundo tempo Lacan introduz o tema da criança como objeto *a* da mãe. Criança e mãe serão abordadas a partir da função da criança como resíduo. E o pai? Aqui vem uma dificuldade, ele diz que a criança será objeto “a” por não haver a “mediação” do pai. A dificuldade é entender esse “sem a mediação do pai”. Nossa

primeira leitura e quase irresistível é dizer que é sem pai mesmo. É a mãe com seu filho, pronta pra engoli-lo. Mas, depois de tudo que falamos?

Creio que se a função do resíduo está clara ela relê alguma coisa dessa frase. Tentarei explicar. Não podemos mais imaginar mãe, filho e só a seguir um pai, pois foi a articulação mãe, filho e pai que produziu o resíduo. Para a criança ocupar o lugar do resíduo da operação, não posso imaginar que ela estaria lá antes da articulação. Só há resíduo pós-Édipo, pós-metáfora. O objeto a é fundamentalmente associado à castração, pois ele é seu resto.

O “sem mediação” deve ser lido nesse plano. Proponho, então, que ele indica não ter havido a presença física do pai, nenhuma figura paterna encarnou-se claramente. Em outro termos se não houver pai no imaginário, a criança pode acabar assumindo o lugar de objeto “a” da mãe. O pai no simbólico, porém, como vazio operador da castração já está instalado. Ainda em outros termos, este “sem mediação”, não será lido como “sem incesto”. Não assinala o plano de uma relação fora do incesto. Como, no entanto, a criança vem encarnar o excedente da operação de castração da mãe, tudo leva a crer que estamos diante da mãe primitiva, porque ela teria recuperado seu gozo original.

Nossa postulação para o debate de hoje é que essa indicação da “Nota” deve ser lida no plano do desejo e não do gozo. Isso não quer dizer que não devemos discutir se não haveria situações não enquadradas pelo incesto e pelo Nome do pai. E sabemos que a resposta é positiva. A psicose desde o começo está lá, no ensino de Lacan para demonstrá-lo. Toda a questão sobre como a mãe e a criança se viram sem o Nome do pai, é grande, polêmica e válida. É o sonho de Deleuze, por exemplo, o de uma regulação apenas de fluidos pra lá e pra cá, de válvulas, de barreiras, sem vazios e furos. É uma discussão no campo da psicose, da construção de distâncias para “barrar o gozo” como dizemos. Tudo isso é possível de se imaginar e de encontrar na clínica. Não é o que faremos hoje, deixaremos para quando falarmos da mãe do Joyce. Vamos adiar esse debate. Leremos a *Nota sobre a criança* sem tomá-la como uma nota sobre a psicose.

A questão se coloca, então, a partir dessa abordagem: Até que ponto pode-se prescindir de “mãe” e “pai”, de suas encarnações? Pode-se imaginar uma constituição subjetiva alicerçada apenas na articulação entre furo e resto? Lembro que uso “furo” aqui como sinônimo de Nome do Pai e “resto” como de objeto “a”. Preciso das figuras pai e mãe? Ou posso, seguindo essa “Nota”, entender que a articulação entre furo e resto já realiza uma família? Se a função da família é produzir o vazio do impossível e o resto, localização de um gozo fora da lei, até que ponto ela precisa do imaginário das formas míticas familiares para isso?

Tudo sobre minha mãe

Neste ponto Almodóvar nos pareceu um bom apoio. Porque são essas as questões que ele levanta. Evidentemente existem novas formas familiares, mas, ao menos por hoje, vamos estudá-las dentro do enquadre edípico ou, digamos, de um Édipo ampliado em que sujeito, furo e resto respondem por criança, pai e mãe. Dada uma estruturação edípica até que ponto pode-se variar as formas míticas dessa estrutura?

Nos termos de Romildo em nossas discussões prévias: o que pode acontecer se a relação que há entre o papel do pai e da mãe não for mais recoberta pela diferença sexual e das gerações? Se o incesto é o ponto central onde se articulam as duas diferenças, geração e sexo, e se as formas dessa articulação não estão mais presentes, podemos continuar falando em família?

Almodovar explora justamente o que estamos discutindo ao interrogar as novas formas da parentalidade, novas formas da articulação familiar do ponto de vista da relação entre mãe e filho – e isso, ao menos no *Tudo sobre minha mãe*, sem a mediação imaginária do pai.¹³ Sua questão, ao menos neste filme, não é tanto se não há mãe, mas é se não há pai.

Listei algumas questões. A primeira poderia ser: O que aconteceria se o lugar do pai fosse exclusivamente o de um vazio, sem o apoio de nenhuma figura paterna? Da última vez Romildo, pressionado por mim, chegou a assumir que o pai poderia ser até um extraterrestre. Hoje é dia de nos perguntarmos: poderia mesmo? De que modo? É a pergunta de Almodóvar neste filme.

Romildo: Vocês viram *Tudo sobre minha mãe*? O filme conta a história de Manuela, uma exilada argentina em Madrid, mãe de um filho de 17 anos, Esteban, que é escritor. É um escritor peculiar, que anda com um bloquinho e anota tudo o que vê e ouve da mãe, porque quer fazer um livro sobre ela. Como presente de aniversário de 18 anos, ele ganha uma entrada e vai com sua mãe para o teatro, e fica fascinado pela atriz principal da peça, a tal ponto que, após o final da peça, fica na chuva esperando que ela saia. Quando a atriz finalmente sai do teatro, Esteban vai até a janela do carro para pedir um autógrafa, mas o carro sai em disparada, ele corre atrás, é atropelado e morre.

Qual é o truque de Almodóvar para contar uma história que está nas margens do simbólico? O truque dele é o uso da paródia. É como o Marquês de Sade, que também conta histórias que só são suportáveis por que têm a forma de paródias. O Marquês de Sade, assim como Almodóvar, parodia com a realidade e isso lhe permite ir até um certo limite além do convencional.

Um exemplo: A mãe, que trabalha num centro de transplante com as famílias que vão autorizar os transplantes, e é ela que vai ter que autorizar o transplante do filho para um paciente cardíaco.

Eu vi duas vezes o filme e da segunda vez me pareceu muito claro. O exercício da paródia corresponde um pouco a uma forma de ironia. É uma espécie de uso da ironia que permite que se levante essa discussão do limite da não necessidade de presença do pai.

Marcus: Após a morte do filho, Manuela vai a Barcelona em busca do pai do menino para recuperar alguma coisa de sua história. O pai é um travesti, Lola e é por isso que ela tinha ido morar em Madrid e tinha escondido de Esteban qualquer história sobre o pai. Ela rasga todas as fotos, o menino cresce sem nenhum vestígio do pai. Ele chega a dizer: falta uma metade da minha vida. Durante a vida inteira de Esteban o pai era apenas falta, nenhum registro, apenas “vetor”, nenhuma “encarnação”.

É uma situação imaginável e tornada realidade pela ficção de Almodovar. O que seria então um filho sem o pai na realidade, apenas como vazio no discurso da mãe? É o

máximo de pai simbólico e o mínimo de pai imaginário. Para começar, ele não será um psicótico. Para prosseguir, temos a indicação de Lacan: ele pode ser capturado pela fantasia materna e tornar-se objeto dela, mas isso fora do plano da psicose ou do autismo.

Desta forma mais *light*, pelo menos para um exercício de pensamento, podemos pensar que Esteban está tomado como objeto. A mãe é tudo. Tudo o que ele sonha em fazer é contar a vida da mãe. Essa é missão da vida dele, o lugar dele. O que é uma criança tomada como objeto *a* da mãe? Não é necessariamente um traste. Ser tomado na fantasia de alguém não é ser passivo, não no plano da realidade ao menos.

O filme traz ainda outras explorações. O que seria se no lugar do pai, que era para ser um vazio, ou um personagem de autoridade, estivesse o gozo? Normalmente, no lugar do pai localiza-se alguém, que tem as insígnias do poder, mas que é fundamentalmente ausente, seu gozo está sempre em outro lugar. Está no trabalho, cuidando dos negócios etc. Aqui, no lugar do pai encontra-se um meio homem, meio mulher, que goza. Ele é uma prostituta, um travesti, justamente no lugar que era para ser sem sexo.

E há ainda um terceiro nível de questões. Agrado, a amiga de Manuela que é um travesti sustenta a questão: o que seria a mulher mais autêntica? Existe uma cena exemplar, em que ela precisa, no improviso, animar uma platéia no lugar de “A” mulher, Huma. E ela vai alinhando tiradas em cima de tiradas sobre o quanto gastou para se tornar a mulher que é, silicone, próteses etc. É o cúmulo do paradoxo na mais divertida ironia: a mais autêntica mulher é a que mais se construiu como tal.

Então, de certa forma, a resposta de Almodovar a esta pergunta parece ser: a mulher mais verdadeira é a fálica. Se o que Manuela encontra em termos de gozo no lugar do pai é o falo, Lola, então a mulher fálica é a verdadeira mulher. Dito ainda de outro modo, esta mãe fálica é a mulher. De fato, todos desejam Agrado: Nina, a namorada de Huma, outro homem, que aparece na história, vários correm atrás dela como se ela fosse A Mulher.

O filme se termina bem, em *happy end*. Ele é conservador porque após todas as peripécias, Manuela volta com o filho da Lola com outra moça, a Rosa, Penélope Cruz, que acabou morrendo de AIDS porque Lola passou o vírus para ela não sem antes engravidá-la. Manuela volta com um segundo filho, que é o filho da Lola com a Rosa. Ela recupera de novo o filho, recupera a ideia de uma diferença de gerações e volta pra cidade dela. No final deu certo.

Nossa pesquisa, porém, continua. Listo esses três planos de questões: o que seria a criança sem a mediação do pai? Como seria o gozo no lugar do pai? O que é a mulher, a fálica?

Falar com as mulheres

Romildo: Talvez fosse bom situar um pouco mais a questão da ausência/presença da mediação. Na verdade o menino Esteban não é louco. Então, existe uma mediação paterna. Mas que mediação paterna é essa que não dispõe de um pai visível? O Esteban não vai conhecer o seu pai. A gente só pode dizer que não é somente

necessário que o desejo da mãe esteja em articulação com o Nome do pai, mais do que isso: a função pai é contida no vazio necessário do desejo da mãe.

Marcus: É uma maneira de dizer que o pai está no discurso da mãe.

Romildo: Exatamente. Esse vazio não é um vazio na vida do Esteban, que só pensa na mãe, mas só pensa na mãe porque ela nunca contou quem é o pai. O vazio vai estar e o que permite a incidência simbólica é que é um ponto de vazio no coração do desejo da mãe.

O pai é um travesti prostituído, aidético, e que também se chama Esteban. Na verdade existe uma sucessão de três “Esteban”, a Lola se chama Esteban, o filho da Manuela é Esteban, ela deu o nome em homenagem ao homem que nunca conheceria o filho, e o filho da freirinha, representado por Penélope Cruz, também é Esteban. Tem uma frase muito interessante de Agrado que é: “o terceiro Esteban, esse vai continuar”. Lola morre, Esteban, o menino de 18 anos, também morre. Mas o menino que nasce com HIV miraculosamente negativa o vírus. Em um dado momento, Manuela volta com ele a Barcelona para um congresso médico onde o caso dele é apresentado, pois ficou a questão de como um vírus pode ser negativizado tão rapidamente.

Esse é o *happy end*, do qual Marcus André falava há pouco. Mas é um *happy end* como paródia, é um *happy end* irônico. Tem uma coisa interessante também no título do filme *Tudo sobre minha mãe*. Tem tudo menos tudo, já que essa mãe e esse filho são amputados. Todas as figuras de Lola desaparecem, as fotos são arrancadas, cortadas. Então não é tudo. O Almodóvar tira esse título - na segunda ou terceira cena tem uma referência clara - do filme *A malvada*, de Joseph Mankiewicz, cujo nome em inglês é *All about Eve*. No final se revela a bandida que a personagem Eve é. Se *All about Eve* significa denunciar a bandida que não parecia, a menina parecia um anjo, do mesmo jeito *Tudo sobre minha mãe* também me pareceu um título paródico, irônico. No sentido de que o *Tudo sobre minha mãe* é levar até o limite o fato de que a mãe é só metade e só pode contar a metade..

Marcus: Perfeito. Indo, agora para outro ponto, o do objeto, acho que o tema da negativização do vírus pode ajudar. Houve família na história? Houve, e esse é o final feliz, porque produziu-se uma diferença de gerações, mesmo se a diferença sexual ficou oscilante, Houve a transmissão de uma falta e também foi localizado um resto. O resto, o gozo excedente da mãe de gozo Lola, era o monstrinho, o menino aidético. Inclusive a avó biológica do menino não quer saber dele, não pode nem chegar perto de medo do contágio. A negativização do vírus nesse menino é também a definição da diferença sexual. Lola foi homem pois pôde ser pai de um menino “normal”, ideal, nada “resto”, um menino sadio, fruto do amor, etc. Neste ponto reconstituem-se as funções paterna e paterna e produz-se a família. O resto não é eliminado, desaparece, mas fica recalcado, tal como em toda família.

Romildo: Ficou o nome Esteban. Tem outra curiosidade no filme, Esteban é o nome do primeiro mártir do cristianismo. Foi o primeiro cristão executado. O filme é cheio de brincadeiras e alusões.

Marcus: Ficou o nome e perto dele, ou no avesso dele, todas as orgias de Lola. A família provocou a subtração de um gozo e ao mesmo tempo a localização de um resto

recalcado. O filme namora com a idéia de da apresentação desse resto, no melhor estilo Nelson Rodrigues.

Antes de passar para vocês, um último comentário sobre a função do resto, pois faltou indicar como seria a criança no lugar do resto. Isso, creio, este filme não explora. Por outro lado, é o tema central do “Fale com ela”. Lembrem-se: é um enfermeiro que cuida de uma menina em coma por quem ele sempre foi apaixonado. Aparentemente é ela o objeto, passivo, dos cuidados dele, mas isso é um engano, pois é exatamente como entregue e passiva que ela goza. Isso se revela na cena em que Almodovar filma a relação sexual entre eles. Ela é um corpo gigante em que ele penetra como um pigmeu liliputiano. Talvez seja a figuração mais próxima da criança como objeto “a” da mãe, um resto, tal como Esteban “dois”, aparentemente ativo, mas inteiramente submetido à magia materna no primeiro filme, ao corpo da mãe neste filme. A única saída é “falar”.¹⁴

Romildo: Eu estava vendo na internet um editorial escrito por Maria do Carmo Dias Batista, nossa colega de São Paulo, para a Jornada da Seção São Paulo, que vai ser sobre o gozo feminino. Maria do Carmo cita uma entrevista do presidente da Associação Mundial, Leonardo Gorostiza, que me chamou a atenção sobretudo por causa de uma coisa que ele diz na entrevista. Eu escrevi para ela pedindo a entrevista e ela prontamente me atendeu, que me respondeu. Leonardo diz uma coisa muito interessante.

A primeira pergunta da entrevista é sobre a alteração do simbólico no século XXI: “Será possível dizer que existem mudanças estruturais no feminino?” Esta é a pergunta da revista. O que me interessou na resposta de Leonardo é a referência que ele faz às redes sociais. Leonardo fala delas como alguma coisa que não tem centro, algo que está em rede como o próprio nome diz, e o fato de não ter um centro faz Leonardo propor uma diferença sobre o *nãotodo* feminino em detrimento do tradicional Édipo freudiano que seria a entrada em um todo. Depois ele traz isso para a política, das revoltas pelo mundo. Essa questão da articulação entre a dispersão do centro de decisão e o feminino me interessou, porque, não podemos esquecer, esse curso começou com uma expressão usada por Éric Laurent, quando fez uma rápida alusão à função materna. A função materna, que não teria nada a ver com o gozo suposto da mãe primitiva, seria marcada pela dispersão dos centros de decisão. Seria no fundo uma nova forma de democracia.

Discussão

Ana Beatriz Freire: Na verdade, tem mediação, não é? A incógnita do lugar do pai estava presente no vazio das fotos. Então, não é um caso sem mediação.

Marcus: Por isso eu insisti em tomar essa história como edipiana do começo ao fim, sem psicose. O “sem mediação” foi tomado hoje no plano imaginário e não simbólico. Não é sem o Nome do pai. Romildo também chamou atenção para isso. A questão de hoje era mais: o que seria estar no nome do pai sem pai. Esse é o exercício do filme e um exercício para todos nós.

Romildo: Pensando nessa questão de sem mediação ou com mediação, me veio à questão da devastação. Devastação talvez fosse um bom exemplo da insuficiência da

constituição do sintoma, no caso da neurose, e por uma falha na mediação paterna com a incidência do nome do pai. Isso tem tudo a ver com o que se vem chamando de sintomas contemporâneos. Os sintomas contemporâneos, me parecem, seriam um certo momento na produção do sintoma. Se a gente considera sintoma neurótico, clássico, freudiano, como limite do sintoma, seria alguma coisa que fica no meio do caminho.

Marcus: Talvez seja melhor alterar a nossa ordem, ir primeiro para a devastação e depois para a psicose. O que estava previsto era tomar a devastação com essa idéia, uma mediação que não é fora do nome do pai, mas é bastante frágil. Parece que essa seria a continuação natural para o próximo ponto, irmos primeiro para a devastação e depois para a psicose. O único perigo é fazermos uma escadinha, onde psicose seria o caos, o fim do mundo. Clinicamente não é verdade.

Romildo: Podemos observar clinicamente que existem neuroses bem mais graves do que certas psicoses. Será muito bom ousarmos abordar a devastação, pois é uma discussão clínica muito importante, e também não se sabe muita coisa a respeito. A devastação materna ou a devastação da mulher por um homem são as duas formas de devastação. Aproveitando a discussão que Marcus André introduziu e que Ana Beatriz retomou, poderíamos tentar abordar a devastação a partir dessa questão de com ou sem mediação. Acho que será bem interessante. E se alguém tiver uma vinheta ou uma lembrança clínica de devastação será muito bem vinda.

* Segundo encontro do Curso Livre do ICP-RJ, ocorrido na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio em 06/10/2011 (transcrição de Daniele Menezes, revista pelos autores).

¹ Lacan, J. *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro, JZE, 1992, p. 105.

² Tenho uma lembrança, mas não tenho muita certeza de que em algum lugar Lacan faz essa mesma comparação, com a diferença de que no lugar do rolo de pedra ele coloca o nome do pai.

³ Lacan, J. *O Seminário livro 6: O desejo e sua interpretação*, inédito, lição de 10/06/1959.

⁴ Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 519 e 563.

⁵ Lacan, J. Nota sobre a criança. Em: *Outros Escritos*, JZE, 2003, p. 373. “A função do resíduo exercida (e, ao mesmo tempo, mantida) pela família conjugal na evolução das sociedades destaca a irredutibilidade de uma transmissão – que é de outra ordem que não a da vida segunda as satisfações das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo.”

⁶ *Ibid.*

⁷ Laurent, E. As novas inscrições do sofrimento da criança, Em: *A Sociedade do Sintoma*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 200735-50, p. 41.

⁸ O pai se encontra no ponto em que se tece um “nó estreito” do desejo com a Lei (cf. *O Seminário livro 7, A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 217).

⁹ “Eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás. Mas, o pecado tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência, porque sem lei, está morto o pecado.” (Romanos 7: 7, 8). É ao que se refere Lacan (cf. *O Seminário livro 7, A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 106 e 217).

¹⁰ Freud, S. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. Em: *Obras Completas*, Vol. VII, 1996.

¹¹ http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_04/traducao_01.htm

¹² *Ibid.*

¹³ Almodovar, P. *Todo Sobre My Madre*, 1999 e *Hable com ella*, 2002.

¹⁴ Eric Laurent vai distinguir entre a saída neurótica e a perversa. O perverso é aquele que no lugar do furo do outro coloca o objeto, constitui essa situação numa fantasia amarrada. Já o neurótico no lugar do furo coloca outro furo ao e constitui uma família. É dito assim por Lacan no *Seminário 16* e retomado por Laurent. O neurótico no lugar do furo do outro coloca o nome do pai e produz uma família. O perverso no lugar do furo quer recuperar o gozo e produz a mãe fálica (cf. Laurent. E. *op. cit.* p. 43).